

# APREENSÕES NO ESPAÇO URBANO

## uma abordagem imersiva ao caminhar na cidade de Pelotas/RS

**Matheus Gomes Barbosa<sup>1</sup>**  
**Emanuela Di Felice<sup>2</sup>**

### Resumo

Caminhar na cidade pode ser considerado um instrumento de grande eficácia para compreensão e investigação do espaço urbano. Nesse sentido, o presente trabalho apresenta o caminhar como ato urbano, performático e pessoal, cuja ação procura adentrar em diferentes localidades com o intuito de explorar os conflitos e nuances da cidade contemporânea. Este trabalho justifica-se pela oportuna e necessária compreensão da cidade e tem como objetivo fomentar o pensamento crítico através das caminhadas. A metodologia consistiu em pesquisas bibliográficas e na realização da deriva na cidade de Pelotas/RS. A metodologia se mostrou eficaz para a compreensão do espaço urbano e proporcionou clareza ao abordar os seguintes aspectos contemporâneos: fronteiras; vulnerabilidade periférica; segregação social; dentre outros processos urbanos. Conclui-se que a investigação da cidade contemporânea é de grande valia para os Arquitetos e Urbanistas, de modo que estes conhecimentos urbanos estimulem ações que possam modificar o espaço urbano.

Palavras-chave: espaço urbano, caminhar, deriva, cidade.

# SEIZURES AND INVESTIGATIONS OF URBAN SPACE

## an immersive approach to walking in the city of Pelotas/RS

### Abstract

Walking in the city can be considered a very effective tool for comprehension and investigating urban space. In this sense, the present work presents walking as an urban, performative and personal act, whose action seeks to enter different locations in order to explore the conflicts and nuances of the contemporary city. This work is justified by the timely and necessary understanding of the city and aims to foster critical thinking through walking. The methodology consisted of a bibliographic research and drift in the city of Pelotas / RS. The methodology proved to be effective for comprehension space and provided clarity in addressing the following contemporary aspects: borders; peripheral vulnerability; social segregation; among other urban processes. It is concluded that the investigation of the contemporary city is of great value to the Architects and Urbanists, so that this urban knowledge stimulates actions that can modify the urban space.

Keywords: urban space, walk, drift, city.

<sup>1</sup> Mestrando em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas.

<sup>2</sup> Professora adjunta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas; Doutora em *Projecto Urbano Sustentável* no DIPSA, Universidade de Roma 3.

### Introdução

Ao longo das últimas décadas, têm emergido discussões sobre a cidade moderna. Essa reflexão se apoia nas mudanças sociais, morfológicas e de organização do espaço urbano, e para atingi-las são necessárias mudanças no (re)significado da cidade, além de atualizar e modificar os modos de aprendizado das teorias convencionais que estudam o espaço urbano.

Hoje em dia, o urbanismo tradicional, visto como ferramenta de planejamento urbano da cidade, prevê o crescimento, o desenvolvimento das potencialidades e das criticidades do território. Porém, as transformações urbanas ocorrem de forma mais acelerada do que a realidade decenal que os planos diretores proporcionam e necessitam ser entendidas de uma escala 1:1 (BARBOSA; PONS; DI FELICE, 2018, p.1).

Por outro lado, a formação acadêmica dos profissionais em Arquitetura e Urbanismo, geralmente, está mais confinada nas salas de aula, estágios em escritórios e em ambientes que não possuem conexões diretas com a produção da cidade, suas diversidades, marginalidades e demandas.

As transformações contínuas do urbanismo contemporâneo precisam ser exploradas e constantemente se deve observar os fenômenos e forças que agem sobre ela, extrapolando de qualquer planejamento abstrato ou democrático do desenho da cidade.

Pensando em uma formação que contemple o entendimento da realidade local, que proporcione uma reflexão pessoal com a cidade e desenvolva um senso cívico dos futuros planejadores, se faz necessária a interação corpo a corpo em espaços normalmente invisibilizados culturalmente e renegados socialmente, muitas vezes visto como lugares banais.

Neste contexto de reflexão e interação com espaços urbanos, se fez oportuno e fecundo a proposição de adentrar e vivenciar lugares, através da caminhada, em espaços até então desconhecidos, como ferramenta educacional para profissionais que estão em contato com a produção da cidade, assim como os seus desdobramentos e suas peculiaridades.

A ação de caminhar possui, principalmente, a finalidade de se locomover. A história humana conta que este fim foi sendo modificado ao longo dos anos, passando de uma simples locomoção, para um modo de pensar, sentir, vivenciar.

As práticas do caminhar inspiraram escritores do século XIX e XX, como John Clare (1893); Guy Debord (1968) e tiveram um grande papel nos movimentos do Dadaísmo, Surrealismo, Situcionismo e mais recentemente a ação de caminhar incorporou os atributos relativos a ações performáticas, o que possibilitou a união do corpo, arte e pensamento com a rua, a cidade e o urbano.

A deriva situacionista não quer ser uma ação artística, mas, sim uma técnica urbana para desenvolver através da prática, a ideia da construção de uma situação, um ato psicogeográfico.

A deriva seria uma apropriação do espaço urbano pelo pedestre através da ação do andar sem rumo. A psicogeografia estudava o ambiente urbano, sobretudo os espaços públicos, através das derivas, e tentava mapear os diversos comportamentos afetivos diante dessa ação, basicamente ao caminhar na cidade. Aquele que *pesquisa*

e transmite as realidades psicogeográficas era considerado um psicogeógrafo.

À medida em que a sociedade foi assumindo diferentes comportamentos, diversos movimentos surgiram, e com eles surgem novas práticas de observação da cidade. Geddes (1915), urbanista e biólogo, foi um autor pioneiro ao realizar a experiência da *Outlook Tower*, cujo objetivo era criar um dispositivo que permitisse observar a cidade de dentro e de fora. A ideia de Geddes foi um importante marco e instrumento de observação da requalificação urbana da Cidade Velha de Edimburgo.

Pensando em observar a cidade, a teoria da deriva surge a partir da proposição de caminhar solitariamente e de uma inovadora proposição.

Debord (1999) e Jacques (2012) apresentam a teoria da deriva como um instrumento lúdico e experiencial, apoiado em conceitos literais, o que a torna diferente de um passeio e a coloca em uma posição contrária às técnicas tradicionais de apreensão do urbano. Para os autores citados anteriormente, esta forma lúdica vem na contramão do ensino da arquitetura tradicional, pois transforma o caminhante em um ser pertencente a um grupo maior, que dialoga com as ruas, se permite conhecer lugares novos, (re)visita locais com outro olhar, sente as conexões urbanas pertencentes aos locais explorados, criando assim uma relação de afeto e pertencimento.

Na cidade atual, essa ideia de periodização é ainda presente; é presente nas cidades que encontramos ao longo da História, porque cada uma delas nasce com características próprias, ligadas às necessidades e possibilidades da época, e é presente no presente, à medida que o espaço é formado pelo menos de dois elementos: a materialidade e as relações sociais (SANTOS, 2001, p.1).

Entretanto, o pensamento e desenvolvimento da cidade do início do século XX, era baseado na definição, na repetição de padrões e na fragmentação do urbano, onde a burguesia se apropriou dos centros e nas bordas das suas fábricas proliferaram bairros informais. As duas revoluções industriais trouxeram mudanças estruturais, de um modernismo urbano que antecipa as ideias Le Corbusianas da cidade moderna e pós-moderna. A cidade contemporânea está apoiada nos preceitos do capitalismo, como Agambem (2007) destaca em seus trabalhos, no qual o espaço possui suas limitações, constituições e regras.

Lynch (1980) destaca que cada indivíduo possui uma imagem única e própria da cidade. Esta imagem limita-se a percepção da localidade e a outros fatores, como o significado social de uma área, sua função e história. Dentro do campo físico da cidade, o autor, aponta os elementos como: vias, bairros, cruzamentos, limites, elementos marcantes.

A cidade compacta, de zoneamento social estanque e de limites precisos, cujo centro evidencia uma relativa homogeneidade social, estilhaça-se num conjunto de fragmentos distintos onde os efeitos de coesão, de continuidade e de legibilidade urbanística dão lugar a formações territoriais mais complexas, territorialmente descontínuas e sócio e espacialmente enclavadas (MENDES, 2011, p. 474).

Contudo, o caminhar visto como uma prática livre, subverte as regras da cidade e proporciona o desaceleramento, a procura do atrito, do encontro, o caminhante situacionista, neste caso, é pronto ao jogo com a cidade. O jogo, como Careri (2002) chama, se apresenta como o ensejo de unir o passado com o presente e se aproximar da cidade de um modo criativo e espontâneo. Speber (2009) também

vê a experiência lúdica com a cidade como jogo, no qual o jogador produz o seu conhecimento, interage com a cidade e utiliza o seu imaginário para extrair de forma criativa e direta novos conceitos sobre a cidade.

De modo geral, o desenvolvimento das cidades proporcionaram um (re)significado das cidades, e de certa maneira, o conceito e significado de caminhar também foi sendo alterado na medida em que a cidade ganhou novas funções.

Segundo os dicionários Michaelis (2019) e Aurélio (2019), o caminhar é definido como: seguir por determinado caminho andando a pé; ir e vir livremente; movimentar-se; etc. Entretanto, estas definições devem ser ampliadas para os Arquitetos e Urbanistas contemporâneos, trazendo ao mesmo tempo a simplicidade da ação, mas também a criticidade e a sua relação de ser e estar na cidade. Careri (2002) define o caminhar como uma prática estética que prepara o caminhante para um percurso, uma consciência cívica.

A ação de caminhar e vivenciar a cidade abre um leque de possibilidades ao caminhante, no qual este entre em contato com a ambiência, por intermédio de observações e apropriações do urbano. O objetivo do caminhar vai além da exploração da complexidade da cidade, pois a experiência se apoia na subjetividade do ambiente, para que assim possa ser alcançado um senso crítico aos alunos que se propuseram a realizar a experiência.

As caminhadas são experiências não planejadas, cuja imprevisibilidade e unicidade se faz essencial para a apropriação do ambiente explorado, pois o caminhante se propõe a sair da sua zona de conforto para a dubiedade, se afastando de lugares até então familiares e se colocando em uma condicionante de apreensão, a procura do conhecimento prático das frestas e fissuras da cidade contemporânea.

Pode-se pensar que a deriva é uma forma de vivência, de reapropriação da cidade, com o objetivo de romper com a racionalidade das representações dos espaços dominantes e entendimento dos espaços de limite, que são terras limiáres, indecisas, ambíguas, instáveis, híbridas, onde é possível repensar a relação entre as partes e, por outro lado, habitá-los com a prática e uni-la com a teoria. É a oportunidade de criar uma ligação entre os olhos, o corpo e o espaço, e a alteridade (BARBOSA; PONS; DI FELICE, 2018, p.4).

A deriva, o caminhar, a errância, é caracterizada aqui como um ato flexível e performático que permite ir além das barreiras impostas e também instiga o novo, pois a ação se modifica ao longo do trajeto.

Em síntese, a vivência na cidade, elucidada pelo dispositivo de Foucault (1971, 1975), ou o jogo de Agambem (2007), procura imergir o pesquisador de uma forma lúdica e interativa, afim de despir o pesquisador dos seus preconceitos e preceitos, por meio de intervenções que possibilitem performances, os envolvimentos dos cinco sentidos do corpo humano, mas também o tempo dos humanos.

O império do tempo é muito grande sobre nós, mas é, sobre nós, diferentemente estabelecido. Nós, homens, não temos o mesmo comando do tempo na cidade [...] paralelamente a um tempo que é sucessão, temos um tempo dentro do tempo, um tempo contido no tempo, um tempo que é comandado, aí sim, pelo espaço (SANTOS, 2001, p.2)

Neste sentido, a deriva, caminhada, ou errância, é utilizada como uma das ferramentas do jogo, que brinca com o tempo, a materialidade, o corpo e o subjetivo para observação do cívico, do uso dos espaços, do patrimônio edificado, além dos processos urbanos e naturais. O que proporciona ao caminhante novas experiências metodológicas, cuja teoria e prática se difundem na ação proposta.

O espaço impede que o tempo se dissolva e o qualifica de maneira extremamente diversa para cada ator. O espaço permite que pessoas, instituições e firmas com temporalidades diversas, funcionem na mesma cidade, não de modo harmonioso, mas de modo harmônico (SANTOS, 2001, p.2).

Dentro da ação proposta, a deriva/caminhada utilizou a proposta da metodologia de perder tempo para ganhar espaço (MUZZONIGRO; TALOCCI, 2012), com o intuito de observar o urbano e permitir o ócio filosófico no espaço urbano. Nesse aspecto, a cartografia se destaca pelo distanciamento de regras para atingir o seu objetivo. Utilizando as técnicas da percepção, do sentir e da conexão com o espaço, a cartografia surge como uma técnica que se apoia na criatividade e observação do pesquisador, e acompanha todo o processo de conexão com o conhecimento.

Deleuze e Guattari (1995) sintetizam que a cartografia é uma performance, pensada e abordada como instrumento prático de observação e registro. Em suma, pode ser entendida como uma metodologia que proporciona a tradução da experiência de habitar, com o intuito de expressar a as linguagens encontradas ao longo do caminho, destruindo barreiras, mas ao mesmo tempo criando novos mundos (ROLNIK, 1989, p.15).

Este trabalho se justifica pela importância da apreensão da cidade, por intermédio da ação de caminhar e tem como objetivo a compreensão do espaço urbano por parte do grupo de pesquisadores e alunos de mestrado.

Dentro deste contexto acadêmico, se faz necessário ampliar as definições de caminhar, para os profissionais da área de arquitetura e urbanismo, pois os mesmos, muitas vezes, possuem a carência de conhecimento sobre a cidade. Se faz oportuna as vivências urbanas da cidade, por intermédio de um olhar crítico, que traga consigo as histórias, sentimentos e apreensões do espaço cotidiano. Em consequência destes aprendizados, espera-se que os profissionais competentes e agentes da cidade possam intervir no espaço urbano e assim modificá-lo, mesmo que de uma forma simples, pura e lúdica.

O presente artigo parte da hipótese de que o homem contemporâneo precisa e necessita conhecer a cidade de uma forma livre, lúdica, poética e performática, sem rumo e sem trajeto, para que assim possa se despir das suas crenças e remodelar a sua relação de ser e estar na cidade. Além disso, este estudo pressupõe que os conhecimentos adquiridos ao longo das caminhadas, proporcionam um olhar mais prático e humano sobre morfologia, urbanismo, ambiente construído, processos sociais, patrimônio público, história da arquitetura, etc.

Com isto, pode-se perguntar: como o arquiteto e urbanista vivência a cidade? A caminhada é uma técnica eficaz para conhecer e investigar o espaço urbano?

Neste sentido, este estudo tem por objetivo geral realizar caminhadas pela cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, visando fomentar o pensamento crítico sobre a cidade e possui os seguintes objetivos específicos:

a) experienciar a cidade de Pelotas, adentrando em diferentes localidades do município e observando as contradições do urbano e da produção da cidade;

b) (re)significar e se (re)apropriar dos locais explorados, a partir de ações performáticas e dos sentimentos que o espaço proporcionou;

c) relatar e compartilhar a experiência dos alunos envolvidos na ação, trazendo à tona um olhar crítico dos modos de uso da cidade, seus conflitos contemporâneos e históricos.

## Metodologia

De acordo com Gil (2008) e Yin (2005), a presente pesquisa é caracterizada como exploratória e aplicada. Essa caracterização se deve ao fato de se tratar de uma exploração do espaço urbano e por ser uma pesquisa ação, cuja problemática surge na medida em que a ação ocorre, considerando a explicitação das problemáticas cotidianas.

Quanto ao seu procedimento, Fonseca (2002) caracteriza como uma pesquisa participante. Portanto, há o contato do pesquisador com os usuários, embora não seja programado e não haja roteiro pré-estabelecido.

Sua abordagem é qualitativa, visto que a pesquisa não tem interesse numérico, mas sim, na qualidade da informação e na abordagem de temas relevantes para o urbanismo contemporâneo, concentrando-se em entrevistas e observações ao longo do trajeto.

Fonseca (2002) classifica este trabalho como pesquisa ação, pois no contexto metodológico, o pesquisador dá voz ao usuário e acaba por diminuir o ato de observar, em uma relação cordial com moradores e colaboradores de diferentes áreas. O grande diferencial da pesquisa é a aproximação com o usuário da localidade explorada, pois os resultados são apoiados principalmente em francos relatos da população residente, de modo espontâneo e não programado, originando conversas naturais necessárias para a apreensão do urbano.

Cabe salientar que embora o pesquisador se dispa das suas crenças, os conhecimentos bibliográficos são utilizados como apoio para desenvolvimento do olhar crítico perante os elementos que surgem.

Inicialmente foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental sobre a literatura existente e que esta abordasse os conceitos de caminhar, errância, cidade, deriva. O apoio literário foi sustentado, principalmente, pela teoria da deriva, segundo os princípios de Careri (2002); Jacques (2012), e a técnica da cartografia se apoiou nos conceitos de Muzzonigro e Talocci (2012); Deleuze e Guattari (1995). A partir desta abordagem do estado da arte partiu-se para a experiência prática e foi proposta a ação de experienciar a cidade de uma forma coletiva, porém singular e livre.

A ideia prática iniciou, principalmente, da experiência de sair da zona acadêmica da Universidade para interação com a cidade, unindo assim o referencial teórico, versado anteriormente, com a ideia de ir a campo.

Esta interação do coletivo (grupo de alunos) contempla a vasta interdisciplinaridade, pois os alunos, pesquisadores, eram de diferentes áreas, como: engenharia civil; arquitetura; artes; antropologia e história.

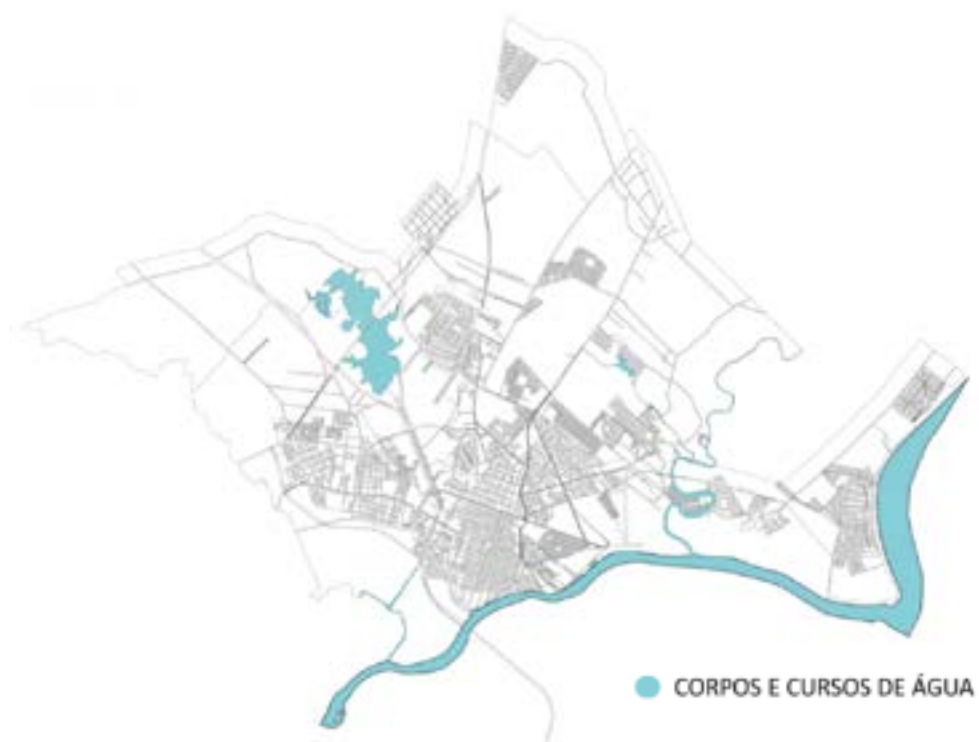


A ideia parte da possibilidade de congruência do pesquisador ser também o resultado da sua pesquisa, ou seja, os pesquisadores produzem conhecimento, trocam saberes entre os seus pares e com a população que eventualmente fará parte da caminhada. As caminhadas aconteceram por intermédio de um caminhar voluntário ao longo de mais de 50 km. No caso deste trabalho, os trajetos foram escolhidos de forma livre, cuja abordagem se deu principalmente pela escolha de locais que se presume que tenham alguma problemática que poderia ser explorada pelos pesquisadores. Em suma, à deriva propôs adentrar desde o os limites do entorno até as zonas periféricas.

A metodologia foi dividida em quatro etapas distintas:

- (a) caminhar no espaço urbano, observando os nuances e peculiaridades da cidade;
- (b) realização de atividades que possibilitem habitar o espaço através de atividades sensoriais, performances e leituras nos espaços;
- (c) aplicação de entrevistas informais, sem roteiro pré-estabelecido com usuários;
- (d) utilização de cartografias para registro;
- (e) compartilhamento das experiências individuais entre os alunos, por intermédio da subjetividade encontrada.

A cidade escolhida para a essa abordagem foi Pelotas, município do Rio Grande do Sul, localizado no extremo sul do estado. O município possui área de 1.909 Km<sup>2</sup> e está situado às margens da Lagoa dos Patos. A história da cidade, marcada pela economia proporcionada pelo charque e pela força da arquitetura eclética, dentre outros movimentos que impulsionaram a produção habitacional, possui o primeiro registro de arruamento em 1815, quando a cidade começa a se desenvolver. Segundo Gutierrez (1995), a topografia plana da cidade possibilitou o traçado xadrez e a continuidade das vias principais, inspirado na arquitetura militar e o classicismo (Figura 1).



As caminhadas foram realizadas em diferentes períodos do ano, em diferentes temperaturas e contextos meteorológicos. Foram visitados diferentes locais (Figura 2) e a quantidade de caminhantes foi sendo alterada ao longo dos dias de percurso.

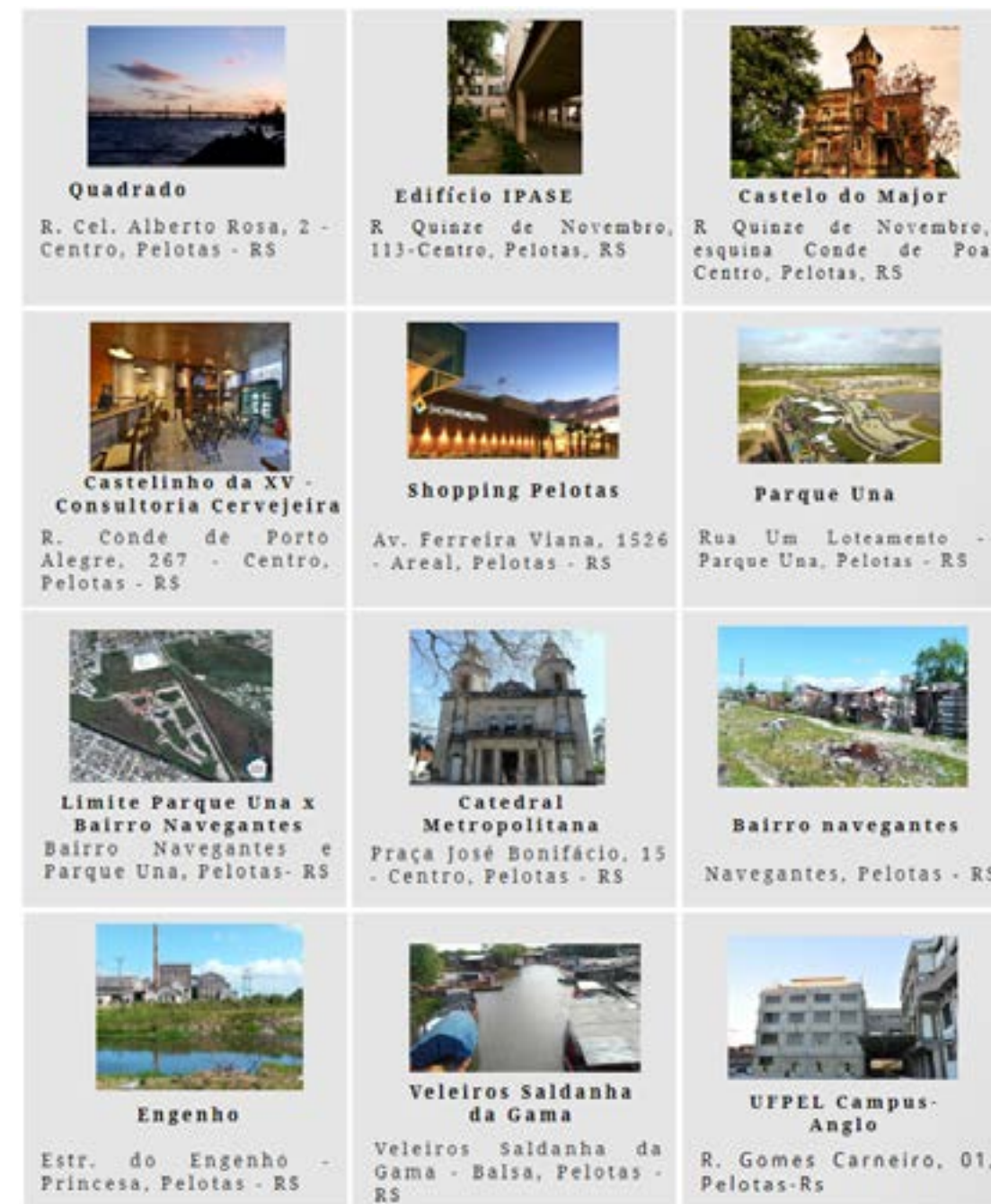


Figura 2- Locais visitados nas caminhadas. Fonte: do autor, 2019.

As caminhadas nos locais identificados na Figura 2 foram realizadas em diferentes dias, totalizando 5 dias em diferentes semanas.

Foram utilizados os seguintes materiais: máquinas fotográficas e câmeras de celulares para registro visual; mapas para identificação do trajeto a ser percorrido; gravadores de áudio para registrar as conversas e entrevistas; gravadores de vídeo; prancheta para registrar apontamentos. Os materiais usados ficaram a cargo de cada pesquisador pertencente ao grupo, o que ocasionou liberdade de escolha para anotações, registros e rascunhos.



## Resultados e discussão

Primeiramente foram lidos textos em aula, referentes a teoria do caminhar e da deriva. O que proporcionou maior familiaridade com a abordagem prática que viera posteriormente. A caminhada propriamente dita ocorreu nos encontros seguintes e o grupo encarou diferentes adversidades práticas do cotidiano, dentre elas se destaca o tempo, o clima da cidade, o espaço, os conflitos de cunho público e privado, dentre outros.

Em suma, foi possível discutir diferentes temáticas cotidianas sobre o ambiente construído em diferentes escalas. Cada membro do grupo pode construir e vivenciar a cidade da sua maneira, baseada no que o pesquisador gostaria de entrar em contato e fortalecido pelas dinâmicas propostas pela professora.

De modo geral, os alunos puderam construir a sua imagem da cidade a partir dos seus parâmetros urbanos, suas observações, valores pessoais e vivências anteriores.

Nesse sentido, a caminhada proporcionou um novo olhar de apreensão do cotidiano, por intermédio do toque e interação com o ambiente, mas também um olhar lúdico que proporciona não só a apreensão, mas também o brincar com o meio e com o ambiente construído (Figura 3).

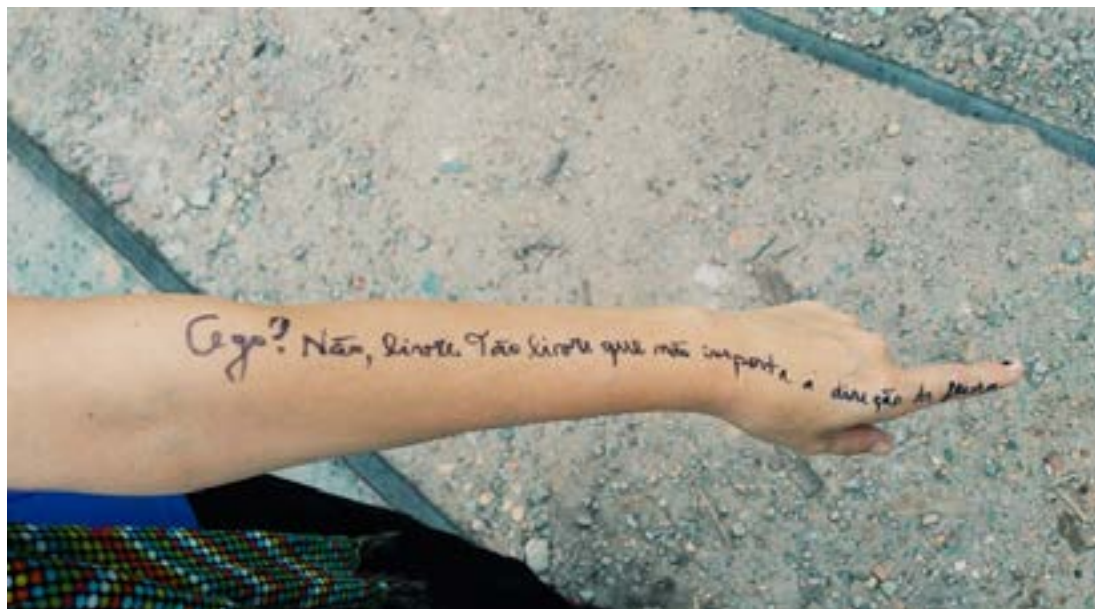


Figura 3: Interação com a cidade. Fonte: do autor, 2017.

Segundo os relatos dos caminhantes, as observações, contatos e interações fomentaram o conhecimento, de uma forma não tradicional, trazendo consigo diferentes caminhos e possibilidades. Foi possível entender os limites urbanos impostos pela produção da cidade, as rupturas e conexões dos bairros periféricos com os de alta renda (Figuras 4), a coexistência deles.

A Figura 4 demonstra os diferentes traços da arquitetura, e a proximidade entre duas realidades distintas. A figura revela ainda, o quanto a arquitetura é fortemente influenciada por questões sociais, sua funcionalidade e o modo como foi construída. Outra grande característica das caminhadas foi o entendimento de lugares históricos e culturais da cidade. A partir da caminhada foi possível entender a história do Quadrado, único ponto de lazer público na beira do canal, bem como usufruir dos espaços históricos e culturais, além de entrar em contato com lugares que proporcionam maior contato do homem com a natureza (Figura 5).



Figuras 4: (a) Bairro Marina Verde (b) Estrada do Engenho. Fonte: do autor, 2017.



Figuras 5: (a) e (b) Visita ao Katanga's bar, localizado no Quadrado em Pelotas. Fonte: dos autores, 2017.



Figuras 6 - (a) Mudança climática (b) Interação com a cidade (c) Caminhada na estrada do Engenho. Fonte: Autores, 2017.

Ao visitar o Katanga's bar, bar localizado no Quadrado, foi possível obter o conhecimento da história do local e as mudanças do mesmo. Anteriormente a ocupação realizada pelo dono do bar, a área estava abandonada e marginalizada, sendo um ponto de insegurança para as pessoas que moravam próximo ao atracadouro. Ao longo dos anos e devido a preservação liderada pelo dono do bar, o local foi sendo limpo, se tornando um local turístico e característico da cidade. Através da entrevista com a filha de Hélio, dono do bar (pintura da Figura 5b), o grupo soube da luta para que o local fosse transformado e pudesse ajudar as crianças da região com aulas, atividades extracurriculares e etc.

Os imprevistos nas caminhadas trouxeram maior coletividade e de certa forma promoveram o debate, seja para decisões coletivas ou pela surpresa causada por ações não programadas. Em função desta imprevisibilidade, houve diversos contratempos climáticos e entrevistas sem roteiro, e interações com a cidade, o que proporcionou a casualidade, objetivo da caminhada.



Figuras 7: (a) Castelo Simões Lopes Neto (b) interior do Edifício IPASE, em Pelotas (c) Antiga Caixa d'água de Pelotas. Fonte: dos autores, 2017.



A exploração teve o intuito também de apresentar aos caminhantes as diferentes tipologias arquitetônicas produzidas em diferentes contextos históricos, mas ainda presentes na cidade.

As imagens das edificações históricas da cidade, muitas vezes, não contam a história do ambiente construído ou apresentam de forma superficial as peculiaridades do empreendimento. (Figuras 7). Pensando nisso, através de entrevistas com moradores e prestadores de serviço foi possível compreender de uma forma mais concisa a situação patrimonial de edificações públicas e privadas, bem como a sua preservação, conservação, a manutenção e operação.

Na caixa d'água (Figura 7c), o grupo realizou uma experiência performática, no qual foi feita uma dinâmica onde cada participante tinha a liberdade de fazer o som que achasse adequado, em um local que ecoava as ondas sonoras e juntos o grupo formou um único som.

De modo geral, as zonas de maior vulnerabilidade sempre foram alvo desta pesquisa, pois se pretendeu entrar, (re)significar e entender estes locais que possuem realidades distintas. O intuito de vivenciar esses locais, muitas vezes marginalizados, foi proporcionar o entendimento, por parte dos pesquisadores, de uma realidade local e periférica, na qual esses moradores enfrentam diversos processos contemporâneos como gentrificação e segregação social.

Em pelotas, a cerca dos últimos dez anos, houve uma crescente na produção e implementação de novos condomínios fechados (Figura 8b), o que originou e desenvolveu novas formas de moradia. Esta promoção acentuou as grandes ofertas no mercado imobiliário e fomentou a especulação do mesmo. Esta produção recente trouxe consigo diferentes efeitos para a cidade, principalmente no que se refere a gentrificação de bairros vizinhos a estes novos empreendimentos, visto que potencializou a segregação social e gerou conflitos de desapropriações nos bairros do entorno.

As Figuras 8 trazem dois contrapontos vizinhos, na Figura 8a tem-se um exemplo de moradia no bairro Navegantes e a Figura 8b elucida o Parque Una, bairro que está sendo construído ao lado do bairro Navegantes.

Os moradores do bairro Navegantes (Figura 8a) relataram a retirada da ligação do bairro com o terreno onde o Parque Una está sendo construído. Essa situação, considerada como segregação e exclusão social, potencializou-se na medida em



Figuras 8: (a) Arquitetura de zonas periféricas, no bairro Navegantes (b) Construção do Parque Una. Fonte: do autor, 2017

que o parque tem como discurso a inclusão e compartilhamento do espaço coletivo por pessoas que não são, necessariamente, proprietárias dos espaços comerciais e residenciais do parque. O discurso do parque se baseia nos conceitos de Jacobs (1961) e Florida (2002), no qual abordam os limites da cidade; a convivência pacífica entre as pessoas; o uso misto e a diversidade dos usuários, o que proporcionaria uma rica troca e inúmeros benefícios entre os usuários que usufruem do espaço urbano. Ao primeiro olhar, o discurso parece não estar condizente com a realidade encontrada pelos pesquisadores e relatada pela população residente dos bairros do entorno do empreendimento. Foi constatado que há uma dificuldade do acesso, dentre outros agravantes, que fazem com que o parque seja frequentado somente por uma parcela segmentada da população pelotense.

Nesse contexto social, pode-se dizer que a caminhada origina uma narrativa atual e uma imagem contemporânea da cidade, de modo que impulsiona o lúdico, o fantástico, a imaginação, mas também revela situações reais e que nem sempre são agradáveis do ponto de vista social.

Paralelo ao entendimento dos processos urbanos citados anteriormente, há a fragmentação da história da cidade, porém, foram identificados que há diversos locais ociosos que contam a história da cidade e que são pouco explorados pela população, principalmente, no que se refere as edificações das antigas fábricas pelotenses e prédios históricos que atualmente encontram-se em estado de degradação (Figuras 9a).

Nesse sentido, se destacam a estrada do engenho, onde está localizada a antiga fábrica de arroz e o castelo do Major (Figura 9a), dois tipos de arquitetura que estão em estado de degradação e não possuem perspectivas de requalificações.



Figuras 9: (a) Castelo do Major (b) Veleiros Saldanha da Gama. Fonte: do autor, 2017.



A Figura 9 (b) apresenta a área em que residem os pescadores do Canal São Gonçalo, área classificada pela prefeitura como área de preservação ambiental. Devido a esta classificação, o poder público está tentando desalojar os pescadores que residem na região há muitos anos e com isto alojá-los no bairro Getúlio Vargas.

Através de um mediador, o grupo de pescadores tenta articular com o poder público uma nova solução para que ambas as partes cheguem a um acordo benéfico para as partes envolvidas. Porém, é interessante pensar no contexto social, trazendo o questionamento se somente estas pessoas de baixa renda são desalojadas no município?

Outros aspectos sentidos foram as fronteiras entre o público e privado, no qual o grupo caminhante adentrou no Shopping da cidade e sentiu oprimido e vigiado, devido a grande quantidade de pessoas que formavam o coletivo. Paralelo a este sentimento, foi feita uma dinâmica para o grupo vivenciar o lugar sem o sentido da visão.

A companhia de pesquisadores/alunos de outros cursos como: história, engenharia, filosofia e antropologia, foi fundamental ao visitar esses locais históricos, principalmente, para o entendimento da história da estrada do Engenho. Além disso, essa interdisciplinaridade trouxe a união de diferentes conhecimentos, possibilitando o compartilhamento de saberes diversos. Cabe destacar o importante papel dos moradores dos bairros no qual os pesquisadores adentraram, pois a contribuição dos mesmos foi importantíssima para atingir os objetivos do trabalho (Figuras 10).

Figuras 10: (a) e (b) Entrevistas com moradores da estrada do Engenho. Fonte: do autor, 2017.



Era nítido que os caminhantes estavam ali para explorar e não eram moradores dos bairros, seja pelas roupas, pela quantidade de pessoas andando em conjunto, ou pelo fato de que os moradores se conhecem e não reconhecerem o grupo como tal. O grupo chamou atenção de moradores, e originou uma série de perguntas por parte das pessoas que residem naquele local. Observou-se que foi engrandecedor conhecer pessoas residentes do bairro, principalmente, devido ao fato destes moradores estarem abertos à conversarem.

O morador da Figura 10, antigo funcionário da fábrica de arroz, contou a história da construção da sua casa, feita de caixas de leite e pallets, bem como a manutenção, conforto térmico e lumínico.

Por fim, o próprio espaço urbano enquanto ferramenta de interação, proporciona discussões das temáticas em diferentes escalas: urbana, arquitetônica, social e do construir. De certa maneira, as caminhadas se apresentam como um modo de resistência, de fuga dos grandes centros, pois adentrar em lugares invisibilizados

e dar voz a esta população, causou reflexões pertinentes aos pesquisadores e consequentemente afetou o pensamento crítico do grupo.

## Conclusões

Conclui-se que os profissionais articuladores da cidade necessitam desta experiência errante, de modo que esta ação possibilitou o entendimento da cidade, bem como a investigação do urbano. Através de relatos foi verificado que a ação ampliou o leque de possibilidades, conceitos e vivências dos alunos envolvidos.

Dos aspectos metodológicos, o caminhar se demonstrou eficaz para a obtenção das respostas que este trabalho se propôs. Dentre as principais vivências destacam-se: o entendimento das fronteiras, bordas, conexões, a história dos patrimônios públicos, as peculiaridades urbanas, os contextos sociais, as desapropriações, a segregação social, a gentrificação, a preservação da arquitetura e a influência dos movimentos influenciadores da produção da cidade.

Nesse sentido, a experiência pessoal permitiu aos alunos o desenvolvimento do pensamento crítico sobre o ambiente construído, além da atualização da relação íntima do corpo com a cidade. É interessante observar, o quanto o contato com os moradores deu força e voz a um povo que muitas vezes não é tratado como prioridade pelos órgãos públicos.

Por intermédio desta pesquisa foi possível se despir dos preceitos e conceitos e na medida em que a experiência se fez única, ela também se faz coletivamente e isto engrandece o conhecimento, pois o compartilhamento das observações individuais proporcionaram um grande conjunto de conhecimentos. É evidente que esta vivência, da maneira como foi sentida e realizada, não se repetirá, pois foi um momento baseado em sentimentos, observações e vivências que não se repetem e o tempo também não retornará.

Por fim, recomenda-se que o arquiteto realize este movimento de afastamento dos locais comumente frequentados e vá em direção ao novo, ao desconhecido, de modo livre e espontâneo, para que assim consiga entender a cidade como um todo e compreenda o contexto urbano em que está inserido.

## Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2007.

BARBOSA, Matheus; PONS, Maurício; DI FELICE. *O CORPO NO LIMAR: A teoria da deriva, a prática da errância e da cartografia na apreensão do urbano, em uma abordagem corpo a corpo na cidade contemporânea*. In: ENANPUR, 18 ed, 2018, Recife. Anais...Anpur: 2018. Local da Editora: Editora, ano de publicação. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1084>. Acesso em: 21 nov 2019.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: El andar como práctica estética*. 1. ed. Barcelona: Editora G. Gili, 2002.

COVERLEY, Merlin. *A arte de caminhar: o escritor como caminhante*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 34. ed. São. Paulo: 1995.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1968.

DEBORD, Guy. *Teoría de la deriva*. Traducción extraída de Internacional situacionista, vol. I. Madrid:,Literatura Gris, 1999.

FLORIDA, Richard. *The Rise of the Creative Class*. Vol II. New York: Basic Books, 2002.

FONSECA, João José. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FOUCAULT, Michel. *L'Ordre du discours*. Paris: Gallimard, 1971.

Foucault, Michel , *Surveiller et punir*. Naissance de la prison , Paris, Gallimard, 1975.

GEDDES, Patrick. *Cities in Evolution*. London: tradução Brasileira, São Paulo: Papirus, 1994.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social* . 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOODRIDGE, John. *The John Clare Society Journal*. 1ed. Ashington: MidNag, 2000.

GUTIERREZ, Ester. *A arquitetura urbana no Brasil escravista*. Pelotas: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UFPEL,1995.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 1961.

JACQUES, Paola Berestein. *Elogio aos errantes*. Salvador : EDUFBA, 2012.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MENDES, Luís. *Cidade pós-moderna, gentrificação e a produção social do espaço fragmentado: subtítulo do artigo*. Cadernos Metrópole : São Paulo, v. 13, n. 26, p. 1-24, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/14765/10769>. Acesso em: 21 nov. 2019.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção* 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SPERBER, Suzi. *Ficção e razão. Uma retomada das formas simples*. São Paulo: HUCITECFAPESP, 2009.

*SIGNIFICADO DE CAMINHAR*, Aurélio, 18 nov 2019. Disponível em: <https://dicionarioaurelio.com/caminhando>. Acesso em 21 nov 2019.

TALOCCI, Giorgio; MUZZONIGRO, Azurra. *Chi Perde Tempo Guadagna Spazio*, ovvero:

*Spazi e Tempi di Reciprocità tra*. São Paulo, Salvador de Bahia e Nicosia . Lo Squaderno. nº26, 2012. p. 77-79.

UOL. *Significado de caminhar*. Michaelis, 18 nov 2019. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=LV8D>. Acesso em 21 nov 2019.

YIN. Robert. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.